

O CÂNTICO VORAZ DO PRECIPÍCIO

Por Bruno Gaudêncio

*“Como roncam os que têm a consciência
tranqüila! – até parece uma casa de
marimbondos.”*
Campos de Carvalho.

Sentei no caos, na pedra irregular dos meus sentidos, no pedaço oblíquo de nossos sonhos falhos. Logo percebi as nuvens do céu ainda claras, com uma leve nuança de gelo, a se locomoverem como animais na floresta. Um minuto depois, você chegou Anna, e o branco das nuvens do teu céu se transformaram em uma mata intransponível, não verde como as demais, mas azul, azul como os meus olhos. Como os seus olhos. Ainda possuías no instante da pedra o sorriso de lata, as feições pinceladas de um artista clássico renascentista, as expressões ambíguas e serenas da falsidade, pois sabias, no teu âmago, que algo envenenara os nossos desejos, portanto a nossa relação, que naquele momento o nosso namoro se reduziria a uma avenida de tristeza e mágoas e sem carnaval. Não te beijei naquele momento, muito menos sorri, apesar dos pássaros no horizonte, apesar das montanhas mágicas de Monet, brincando nos meus olhos. Anna você estranhou de imediato a minha seriedade, a austeridade irradia dos meus gestos. Sua testa enrugou-se como nunca havia enrugado... Foi então que disparei meu revólver de palavras, meu exército de revoltas - eu não tinha tempo a perder, as balas deveriam transpor sua consciência aparentemente ingênua, de forma imediata, ainda alienada por utopias que eu mesmo criara. Essas quimeras deveriam morrer. Foi então que iniciei o processo de quebra, me senti como uma pedra, como a que eu estava sentado, ou simplesmente uma marreta, uma retórica de pesadelos brandos, relatados, a destruir com um impávido sentido as inumeráveis trincheiras de guerra. relatei sem respirar logo o meu intuito, como se estivesse a retirar minuciosamente as espinhas de um peixe na garganta, e comer novamente a carne dos seus sentimentos desumanos. Desfilei em imagens meu intento, percebi imediatamente em cada palavra minha uma lágrima

nos teus olhos aflitos, e na lâmina acesa de tuas paixões, captei o vermelho, um vermelho intenso, do teu sangue Anna, no branco dos teus olhos azuis. Era o fim que eu pedia. Não o seu, mas o nosso. Você deveria ter compreendido Anna. Ajoelhar como fizestes não adiantaria nada. Não adiantou. Chorar é digno dos medíocres. E você chorou. Logo você uma leitora de Nietzsche. Por que viste aquelas montanhas, aquelas pedras pontudas como obstáculos, mas sim como belezas naturais. Foi seu erro, foi meu erro. Sei que estou sendo insensível, o que me parece ser na maioria das vezes às características naturais dos seres do sexo masculino como eu. Mas é o que eu sinto. Quando a chamei para aquele ambiente exótico, tão longe de nossas cidades Anna, em meio a império de pedras e árvores, procurei na verdade a serenidade do ar nas flores, nos frutos coloridos, no céu sem antenas... Apenas gostaria de um digno final de filme feliz para o nosso relacionamento. Pergunto-me por que você se matou daquela maneira Anna? E por que na minha frente? Eu não merecia. Ou merecia? Talvez sim. As lágrimas que teço hoje no papel neste momento infame são os perfumes inexistentes de um velho filósofo grego. Angustiado estou pela *persona* que eu criei. Uma tatuagem feita de sangue presente para sempre no meu rosto. O suicídio que cometestes Anna, não foi apenas a tua morte, foi a minha, principalmente a minha; as pedras que te chocaram não rasgaram apenas a tua carne, mas trucidaram o meu corpo também; os pedaços de teu cérebro que foram tangidos e jogados como alimento na floresta escura, banhando a barbárie do precipício, também jorraram minha massa cefálica no esquecimento da matéria. Ainda estou lá, - sinto isso, passeio pela escuridão dos teus olhos azuis, escondido na caverna sombria da morte, úmida como os labirintos de um hospital. Anna... Estou agora junto ao teu corpo despedaçado. Posso ver. A cabeça ainda ensangüentada. Os ossos moles. Talvez um pedaço do braço jogado no canto da caverna. Alguns bichos chupam teu rosto que um dia fora lindo Anna. Que horror meu Deus! Um baile de moscas sobre as tuas mazelas Anna. Sinto-me um corvo. Minha alma é uma extraordinária história de Poe.

BRUNO GAUDÊNCIO (Paraíba) - Jornalista, estudante de História. Editor do blogue *Mal Estar Imperfeito*:
www.brgaudencio.wordpress.com